

# RECRIANDO-SE PARA A TURBULÊNCIA

João Kon

Neste fim de século, ficam cada vez mais claras as mudanças de paradigmas, a constante alteração de regras, a quantidade avassaladora de informações, a imprevisibilidade dos acontecimentos. Tudo nos leva a crer que a normalidade para os próximos anos será a de turbulência, incertezas e imprevisibilidade.

Imagine uma torneira jorrando pouca água em uma pia, onde a vazão se dá naturalmente. Se aumentarmos muito a quantidade de água e a vazão não for adequada, gerará uma turbulência, um caos. Isto, no entanto, não indica que grande quantidade de água seja um problema: é necessário, neste caso, tomar providências para que a vazão seja feita adequadamente. Da mesma forma, para digerirmos a atual quantidade de informações que nos são direcionadas a todo momento, torna-se imperativo uma assimilação apropriada e seletiva.

Tal como afirmou Noam Chomsky, em entrevista concedida à TV Cultura, ao referir-se à Globalização – não como algo que é bom ou mau, mas cujo uso pode ser bom ou mau, podemos nos referir da mesma forma com relação à turbulência. E vamos além: ao longo da História, muitos exemplos nos mos-

tram o progresso humano como fruto da crise e instabilidade, sejam elas de qualquer natureza.

**O ser humano é um sistema vivo, assim como o globo terrestre, no qual os componentes interagem e cada um tem uma função tão importante quanto a composição molecular de um fígado, de um pulmão etc., e que devem bem funcionar para a preservação da vida.**

Nesse sentido, os grandes mestres modernos nos inspiram e podemos estabelecer paralelos entre suas teorias sobre fenômenos da natureza, com o comportamento dos seres humanos.

Como salienta Ilya Prigogine: “*Não se pode, nos dias de hoje, separar o ser humano da natureza que ele descreve*” — até porque as pessoas são parte integrante da natureza. Entre estes estudos, a Teoria do Caos, embasada no “efeito borboleta”(de Lorenz) questiona: “*pode o bater das asas de uma borboleta no Brasil, ocasionar um tornado no Texas?*”. A observação de eventos da atualidade sugere uma resposta afirmativa e deixa clara a hipersensibilidade de certos acontecimentos em processo, às condições iniciais em que se formaram, ou seja, pequenas causas gerando grandes efeitos, o que reforça a possibilidade de que, daqui para a frente, a turbulência ser a normalidade, em razão da grande massa de informações gerar também inúmeras causas.

Estas perspectivas só podem ser enfrentadas se contarmos com o auxílio da informação, da flexibilidade e da prontidão para responder aos imprevistos dessa nova Era. Há hoje a necessidade da absorção dessa avalanche de informações proporcionadas pelo avanço tecnológico e pelos meios de comunicação. Flexibilidade para se adequar às múltiplas probabilidades e prontidão para acompanhar as mudanças com ati-

tudes imediatas. Nota-se, entretanto, que um dos fatores mais importantes na informação é o autoconhecimento, meio pelo qual nos inserimos neste contexto e o grande aliado nesta era de turbulência.

Conhecer as próprias potencialidades, qualidades e defeitos, resgatar os sentidos desgastados por conceitos educacionais superados, desenvolver a imaginação e intuição, e ainda agir com emoção, são o que chamamos de autoconhecimento endógeno. Mas um outro tipo de conhecimento tão importante quanto esse, é o que denominamos de exógeno. *“O Eu sem o Tu é apenas uma abstração”*, ensina-nos Martin Buber, o grande filósofo da relação, do encontro e do diálogo. Não somos apenas aquilo que pensamos ser, mas também o que os outros acham que somos. Ter consciência do que os outros pensam de nós é também autoconhecer-se.

O ser humano é um sistema vivo, assim como o globo terrestre (hipótese de Gaia de Lovelock), no qual os componentes interagem e cada um tem uma função tão importante quanto a composição molecular de um fígado, de um pulmão etc., e que devem bem funcionar para a preservação da vida. É saber-se como parte integrante de um sistema vivo, autorregulador, auto-organizador e interativo, com funções definidas na defesa do todo. Na família ou na sociedade e em todos nossos coletivos, temos papéis específicos. Ter essa noção, sem dúvida, é também autoconhecimento. É saber a visão do outro e como relacionar-se com ele, através de nossas atitudes em cada papel que desempenhamos.

Importante citar aqui o Teorema de Gödel, *“cujo sentido é múltiplo, desde que queiramos investigá-lo, além de seus limites matemáticos. É um problema de lógica fundamental que nos ensina que: nenhum sistema tem a capacidade de dar a si próprio a prova de sua consistência, atribuir-se uma certeza suficiente a partir de suas próprias fontes”*. (Edgar Morin). Conseqüên-

cia lógica, o autoconhecimento endógeno por si só não é suficiente para o autoconhecimento.

Para o enfrentamento desta turbulência, já presente, algo que permanece claro é o perigo da perda da consciência sobre a necessidade de manter-se a integridade dos nossos coletivos — família, trabalho, sociedade, globo terrestre — ou seja, da ÉTICA. A preservação destes grupos significa priorizar a ética, mesmo (ou principalmente) em períodos de crise, com a mobilização da informação, flexibilidade e prontidão para enfrentar as dificuldades, mudanças e incertezas, sem perder de vista o que se faz em prol da própria sobrevivência.

**Para o enfrentamento desta turbulência, já presente, algo que permanece claro é o perigo da perda da consciência sobre a necessidade de manter-se a integridade dos nossos coletivos — família, trabalho, sociedade, globo terrestre — ou seja, da ÉTICA.**

Vale ressaltar que o autoconhecimento, a flexibilização são processos contínuos na turbulência. Não é suficiente requalificar-se, recriar-se, mas sim daqui para a frente estar sempre requalificando-se, recriando-se, flexibilizando-se, ou seja, os verbos no gerúndio (gerando) ou, como no inglês, no *present continuous*. Certamente neste caminho o ser humano corre riscos. E se machuca e sangra e sente medo.

Mas para enfrentar o inusitado é preciso ousadia, e ter a consciência de que é pela sobrevivência, como os nômades antigos que, por desconhecerem agricultura, buscavam sem trégua seu alimento em diferentes sítios.

As empresas e organizações, sem dúvida, também podem ser consideradas como sistemas vivos e por conseguinte também ser aplicadas a elas todas essas considerações e conceitos.

Ética, autoconhecimento endógeno e exógeno, informação, flexibilidade e prontidão são atributos essenciais para Empresas e Organizações modernas visando ao enfrentamento dessa turbulência, agora já como normalidade.

Haverá necessidade de correr riscos, e de provavelmente não seguir caminhos pré-traçados, enxergar um mundo novo com olhos novos, apenas balizando-nos nos acontecimentos passados. Porém, como nos alerta Marshal McLuhan: *“Às vezes guiando um veículo, para mudarmos de direção precisamos olhar pelo espelho retrovisor, mas não podemos guiar olhando sempre para ele”* (síndrome do espelho retrovisor).

Não pretendemos, através destas considerações, despertar certezas ou fornecer respostas, mas sim propostas, já que resposta é fim e com propostas reiniciamos a cada instante. Todavia, temos a certeza da incerteza que nos cerca e nos cercará. É esta a nossa proposta: questionar as certezas e cultivar as dúvidas. É o que nos manterá vivos. □

---

**João Kon** é arquiteto e Facilitador em Criatividade na Facilita Assessoria S/C Ltda.  
E-mail: [facilita@sti.com.br](mailto:facilita@sti.com.br)

---